



Economia para Trabalhadores

Ano IV, Edição XXXVI

Maio de 2016

Nesta edição:

Opinião 2

Atividade industrial - Brasil 3

Atividade Industrial - Santa Catarina 4

Indicadores 5

Apresentação

Caros(as) companheiros(as), apresentamos a 36ª edição do Economia para Trabalhadores, o boletim mensal da Subseção do Dieese na Fetiesc. Neste boletim de maio não pudemos deixar de fazer algumas considerações sobre o grave momento de instabilidade política que vive o país, apesar da complexidade de compreendê-lo e abordá-lo.

No nosso texto de opinião, na primeira seção, buscamos expressar que mais do que um obstáculo para a retomada do crescimento econômico, a crise política que vivemos nos convida a pensar sobre o próprio sistema de governo e a influência do poder econômico em todas as esferas. Assim, vive-se uma crise do princípio democrático e da própria República brasileira. Uma crise que revelou-se pela reação as, ainda que leves e superficiais, mudanças na estrutura social do país no início deste século.

A economia brasileira segue mergulhada numa depressão. O nível de atividade econômica, apesar de apresentar sinais de melhora mês a mês, segue num patamar tão baixo quanto o registrado no início do ano passado. Os sinais de melhora estão relacionados ao ambiente e às expectativas dos agentes econômicos, mas os resultados objetivos desta melhora ainda não foram expressos de forma consistente nos indicadores de investimentos, consumo e produção.

Este cenário de crise marcado pela desconfiança com o sistema político e a fragilidade dos fundamentos econômicos, não transformados em luta popular, impõem um conjunto de ameaças às famílias. As mudanças em curso sinalizam para o aprofundamento da desigualdade econômica e social no país, marca do nosso subdesenvolvimento.

Boa leitura!

Opinião* - Democracia em crise

A crise brasileira se aprofundou no último mês. Vivemos um momento político daqueles que marcam a história. Uma história que não tem fim, que está sempre a ser construída e parece avançar de modo espiral, com acontecimentos no presente que guardam semelhanças com outros do passado. O afastamento da presidente eleita pelo povo, por decisão da maioria necessária de parlamentares, num momento em que se discute na sociedade o problema da falta da representatividade do Congresso, expõe o drama que vive o povo brasileiro, estejamos conscientes ou não. Nestes momentos, o sistema de governo passa a ser questionado.

O ex-presidente da Câmara de Deputados, Eduardo Cunha, suspenso poucos dias após ter presidido a sessão que decidiu dar prosseguimento ao processo de admissibilidade do impeachment da presidenta Dilma, venceu a queda de braço que havia travado desde quando anunciou publicamente que era opositor ao governo. Desde então, Dilma com o impeachment ameaçando-a e negando-se a ceder às chantagens de Cunha sofreu com a perda de governabilidade, dificuldade de aprovar medidas e barrar “pautas-bombas” que ampliavam os gastos do setor público num período de grave desequilíbrio fiscal.

Eduardo Cunha tornou-se extremamente poderoso, parece ter captado e distribuído recursos que serviram para eleger dezenas de deputados, de diversos partidos de menor expressão, que formaram o que se passou a chamar de “Centrão”, além do apoio da bancada evangélica. Habilidoso, dizem adotar as mais vis práticas para controlar estes deputados e dominar seus votos. Dilma afirmou ser impossível negociar com ele em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo. O conflito desta relação evidencia os limites que podem haver no nosso sistema político, aprofundados pela forma mercadológica de fazer política.

O governo interino parece ter tentado demonstrar-se, diante da opinião pública, afastado de Cunha. A suspensão do deputado de seu cargo na Câmara parecia ter vindo a calhar. Mas Cunha não gostou de parecer ter perdido o jogo, continua jogando e influenciando as escolhas de Temer, que parece depender do próprio Cunha para continuar no governo. O governo de Temer cedeu às chantagens de Cunha, que ainda não teve seu mandato cassado. O STF precisou intervir, utilizando de expediente incomum para afastá-lo da condição de presidente da Câmara de Deputados.

O sinal de que Cunha interfere no governo Temer foi a escolha do líder do governo na Câmara, um aliado dele. A escolha havia sido outra, mas Temer teve que voltar atrás. Além do líder do governo na Câmara,

houve interferência para acomodar nomes nos ministérios. Temer manteve controle sobre a escolha de alguns. Eram três nomes fortes no seu governo: Serra (Relações Exteriores); Meirelles (Fazenda) e Jucá (Planejamento). Este caiu em duas semanas, em função do vazamento de áudio do processo de investigação da Operação Lava-Jato, onde afirma, entre outras coisas, ser necessário afastar Dilma do governo para “estancar a sangria” das investigações.

Meirelles segue firme e não deverá cair em hipótese alguma, por ser nome de confiança dos mercados, reconhecido internacionalmente. Aos mercados, ou seja, grandes gestores de fundos de investimentos, pouco importa em decorrência do que se deu o endividamento público no Brasil, nem tão pouco se o que levou ao afastamento de Dilma foi um processo legal ou um golpe. Interessa que a busca do reequilíbrio fiscal ocorra e uma mudança de governo para um comprometido com o aprofundamento das políticas de austeridade tem efeito positivo sobre as expectativas e beneficiam seus negócios.

Serra está onde queria, depois da Fazenda. Como Senador pôde encaminhar proposta de abrir ao capital estrangeiro a exploração do Pré-Sal, que resultou num projeto que retira a exclusividade, mantendo a preferência, da Petrobrás na exploração. Nas relações exteriores já deu mostras do que pretende e entende ser melhor para o Brasil: neutralizar os esforços de política externa dos últimos doze anos e realinhar-se de forma subordinada e dependente às economias desenvolvidas, EUA e Europa.

Neste momento histórico percebemos que o instituto básico da democracia representativa, o voto, foi novamente ignorado e que os(as) cidadão(ãs) brasileiros(as) perderam a liberdade e a soberania de eleger seu governo. Parece que apesar de importantes frentes populares estarem organizadas e resistindo em defesa da democracia no Brasil, dificilmente o processo de impeachment será revertido.

Diante da continuidade da ofensiva combinada entre poder judiciário e imprensa, concretizada nos vazamentos de áudios das investigações, parece provável que o governo Temer não terá sossego também. A história em breve nos deixará claro qual o real interesse desta frente que hoje, assim como no passado, influencia a política brasileira e também se seremos capazes de construir uma República sólida, com igualdade cidadã, condição necessária para expansão das liberdades e o exercício da democracia.

(*) Mairon E. Brandes, economista, técnico do Dieese

Atividade Industrial - Brasil

A produção industrial no Brasil voltou a registrar crescimento na série mensal com ajuste sazonal em março, em parte justificado pela baixa base de comparação, já que em fevereiro houve forte queda (-2,5%). Na passagem de fevereiro para março houve alta de 1,4% na produção da indústria geral, puxada pelo crescimento de 1,7% na produção da indústria de transformação e queda de 0,9% na indústria extrativa. Apesar da nova alta nesta série (em janeiro também a produção cresceu com relação a dezembro), o nível de atividade industrial está muito abaixo do registrado no início do ano passado. Na comparação entre os primeiros trimestres a queda da produção na indústria geral chegou a 11,7% neste ano. O lado animador é que, considerando o ajuste sazonal, muitos segmentos apresentam recuperação na produção no primeiro trimestre deste ano com relação ao último do ano passado.

Quando observamos o comportamento da produção industrial pelas grandes categorias econômicas, percebemos que a forte queda da atividade industrial é puxada pela categoria de bens de capital (investimentos) e dos bens de consumo duráveis. Ainda que registre relevante retração na produção em comparação com o ano anterior, a categoria de bens de consumo semiduráveis e não-duráveis apresenta queda relativa bem menor. Em março, no entanto, todas as categorias apresentaram variação positiva na produção, com destaque para os bens de capital (2,2%) e consumo geral (3,2%). A estabilidade na produção dos bens intermediários (0,1%) pode sinalizar estoques mais elevados ainda neste segmento, que sofre forte impacto com a retração da atividade industrial.

O faturamento real da indústria, pesquisado pela CNI, registrou queda de 1,2% na passagem de fevereiro para março e acumula queda de 13,2% no primeiro trimestre deste ano. A sondagem realizada pela entidade revela que o nível de estoques segue ajustado neste ano, com o efetivo estando pouco abaixo do planejado (49,3). A utilização da capacidade instalada esteve em uma taxa média de 77,4% em março, o

que representa uma queda de 2,7 pontos percentuais com relação a março de 2015. Os registros dos fluxos mensais do emprego formal na indústria de transformação apontam para uma queda de 1,1% no estoque registrado em dezembro de 2015, considerado os ajustes. Em termos absolutos, são 85,9 mil vínculos a menos no primeiro quadrimestre deste ano.

Pelos indicadores entendidos como termômetros da atividade industrial, percebemos que a expedição de papelão para embalagens voltou a recuar em abril, o que sugere que a produção assim se comporte. No entanto, cabe destacar que a expedição do produto no mês deste ano foi maior do que a do mesmo mês do ano passado. O consumo de energia industrial segue menor neste ano, mas os registros mensais sinalizam para uma trajetória crescente do uso de energia na indústria. Já na produção de aço bruto a retração intensificou-se em abril.

A sondagem para captar a confiança do empresário industrial, também realizada pela CNI, voltou a apresentar queda do pessimismo no mês de maio. O Ipei está em um nível maior neste ano do que em 2015 e as expectativas (em 47 pontos) dos empresários industriais aproximam-se do nível que caracteriza confiança (50 pontos). Por trás desta recuperação da confiança, além de fatos não econômicos e a influência da imprensa, podem estar o pequeno alento que indicadores do comércio varejista registraram no último mês e o comércio exterior.

Neste caso, é importante destacar que a forte queda da taxa real de câmbio efetiva no último mês elevou o custo unitário do trabalho e absorveu expressivo ganho de rentabilidade das exportações. O câmbio foi uma variável importante para a recuperação de alguns setores da indústria no início deste ano e sua recente valorização pode tirar o ímpeto destas tendências, ao passo que permite que outros segmentos, mais intensivos em componentes importados, apresentem alguma recuperação da atividade. No geral, as importações seguem registrando forte queda, tanto em volume, quanto em valor.

Atividade Industrial - Santa Catarina

A produção industrial em Santa Catarina segue apresentando oscilação na série mensal com ajuste sazonal. Depois de ter registrado um crescimento de 3,5% na passagem em janeiro e queda de 3,3% em fevereiro, a produção cresceu 3,8% em março. No entanto, com relação a março de 2015 houve forte queda de 8,3%, contribuindo para que nesta comparação haja uma queda de 8,7% na produção industrial no primeiro trimestre de 2016 e 8,5% nos últimos doze meses.

Dentre os setores observados destaca-se positivamente a indústria do vestuário que segue registrando crescimento na produção. Depois de crescer 5,0% em fevereiro, a alta na produção em março chegou a 7,5% na série com ajuste sazonal. No primeiro trimestre de 2016 a produção no setor de confecções cresceu 2,5% com relação ao primeiro trimestre do ano passado. Nos últimos doze meses, a alta chegou a 0,8%.

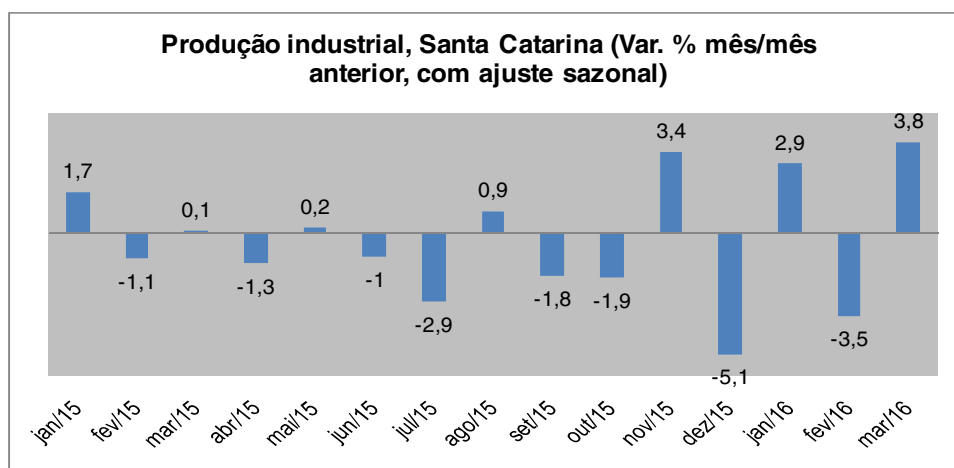
Em contraste com a realidade do indicador em âmbito nacional, as vendas no comércio varejista do setor de tecidos, confecções e calçados no estado apresenta crescimento, seja em volume (0,5%), seja em receita nominal (8,5%). Pela pesquisa da Abit, as importações do setor têxtil e de confecção no estado tiveram quedas de 37,2% em volume e 48,0% em valor. Por outro lado, as exportações cresceram em volume (37,9%) e em valor (12,8%). São marcas de um processo de substituição de importações e também de recuperação de mercados externos, principalmente do segmento de confecções. Por outro lado, outros setores observados seguem registrando no ano forte retração (plástico e têxtil).

O fluxo de emprego formal na indústria de transformação registrou leve saldo negativo em abril, mantendo estabilidade com relação ao estoque de março. No ano, até abril, foram gerados 8,9 mil no-

vos vínculos, um crescimento de 1,4% no estoque de dezembro. Na série com recorte dos últimos doze meses, no entanto, houve queda de 6,1% do emprego formal na indústria de transformação, com um saldo de desligamentos de 42,5 mil vínculos.

Apesar da queda da atividade industrial neste ano, captada pelas pesquisas mensais do IBGE, a taxa média de utilização da capacidade instalada, sondada pela Fiesc, foi de 81,5% em fevereiro de 2016, pouco inferior a registrada no mesmo mês em 2015 (82,7%) e acima da média nacional. Com os dados mais recentes ainda não divulgados, o quadro que temos sobre o humor dos empresários industriais da região são também os de fevereiro, quando foi apontado um recuo, mesmo em âmbito nacional, na recuperação da confiança que vem sendo apresentada desde fins de 2015. Cabe mencionar que, no geral, o Icei catarinense estava num patamar mais elevado do que o nacional e, possivelmente, como este aproximou-se de um nível que caracteriza confiança, o Icei catarinense de maio tende a superar este limite.

Para a indústria de transformação catarinense - cuja estrutura é diversificada - mas a indústria tradicional ainda tem importante peso no valor adicionado e no emprego -, a recente valorização cambial, se mantida, poderá arrefecer a recuperação em curso, como a apontada no caso da indústria de confecção. Por outro lado, a depender das respostas da demanda doméstica no médio prazo, outros setores cuja produção está voltada para produtos de uso industrial, voltados para bens de consumo duráveis e investimentos, podem beneficiarem-se indiretamente com a valorização cambial. O desafio e a discussão será sempre sobre o câmbio de equilíbrio para a competitividade da indústria e a estabilidade monetária.



INDICADORES INDUSTRIAIS - BRASIL (em %)

PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	Mar/Fev	Mar/Mar	Até Mar	U12M
<i>Geral</i>	1,4	-11,4	-11,7	-9,7
<i>Extrativa</i>	-0,9	-16,6	-15,3	-2,8
<i>Transformação</i>	1,7	-10,6	-11,1	-10,7
Grandes categorias				
Bens de capital	2,2	-24,5	-28,9	-28,3
Bens intermediários	0,1	-10,9	-10,3	-7,0
Bens de consumo	3,2	-8,7	-9,8	-10,0
Bens de consumo - <i>duráveis</i>	0,3	-24,3	-27,3	-21,6
Bens de consumo - <i>semiduráveis e não duráveis</i>	0,9	-3,8	-4,5	-6,6
FATURAMENTO REAL (CNI)	Mar/Fev	Mar/Mar	Até Mar	U12M
	-1,2	-14,5	-13,2	-
NÍVEL DE ESTOQUES (CNI)	-	Abr. 2015	Mar. 2016	Abr. 2016
Relação efetivo-planejado	-	51,9	49,4	49,3
TERMÔMETROS DE ATIVIDADE	Abr/Mar	Abr/Abr	Até Abr	U12M
Expedição de papelão ondulado (ABPO)	-0,7	0,4	-3,9	-
Consumo de energia elétrica industrial (EPE)	-	-4,8	-6,8	-6,2
Produção de aço bruto (Aço Brasil)	-	-20,6	-14,0	-
CAGED - Ind. Transformação (MTE)	Abr/Mar	Abr/Abr	Até Abr	U12M
<i>Saldo (qtde)</i>	-15.982	-	-85.886	663.263
<i>(%)</i>	-0,2	-	-1,1	-8,1
Utilização da Capacidade Instalada (CNI)	-	Mar. 2015	Fev. 2016	Mar. 2016
<i>(% média)</i>	-	80,1	77,7	77,4
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial (CNI)	-	Mai. 2015	Abr. 2016	Mai. 2016
	-	38,6	36,8	41,3
<i>Condições atuais</i>	-	29,8	28,0	30,1
<i>Expectativas</i>	-	43,1	41,3	47,0
COMÉRCIO EXTERIOR (Funcex)		Mar/Mar	Até Mar	U12M
Exportação - manufaturados				
<i>Quantum (%)</i>		6,2	11,9	5,9
<i>US\$ (%)</i>		-5,6	-2,0	-7,6
<i>Preços (%)</i>		-10,8	-12,3	-12,8
Importação - total				
<i>Quantum (%)</i>		-23,5	-25,7	-20,3
<i>US\$ (%)</i>		-30,0	-33,4	-30,0
<i>Preços (%)</i>		-8,7	-10,5	-12,1
Índice de Rentabilidade das exportações - total (%)		-12,0	-1,4	2,6
Índice de Termos de troca - total (%)		-10,0	-9,8	-11,2
INDICADORES DE COMPETITIVIDADE (BCB)	Mar/Fev	Mar/Mar	Até Mar	U12M
Custo unitário do trabalho (Var.%)	10,6	-2,4	-17,4	-
Índice de taxa real de câmbio efetiva (Var.%)	-5,8	3,1	16,1	-
Índice de taxa real de câmbio corrigida pela produtividade (%)	-2,3	-11,1	5,2	-

INDICADORES INDUSTRIAIS - SANTA CATARINA (em %)

PRODUÇÃO (IBGE)	Mar/Fev	Mar/Mar	Até Mar	U12M		
<i>Transformação</i>	3,8	-8,3	-8,7	-8,5		
<i>Têxtil</i>	-	-10,3	-9,9	-13,2		
<i>Vestuário</i>	-	7,5	2,5	0,8		
<i>Celulose, Papel e Produtos de Papel</i>	-	-11,7	-5,8	-2,4		
<i>Borracha e Plástico</i>	-	-12,9	-12,6	-11,7		
FATURAMENTO REAL (Fiesc)	Fev/Jan	Fev/Fev	Até Fev	U12M		
<i>Transformação</i>	-	-10,4	-11,4	-		
<i>Têxtil</i>	-	-	-7,9	-		
<i>Vestuário</i>	-	-	-22,1	-		
<i>Celulose, Papel e Produtos de Papel</i>	-	-	-7,8	-		
<i>Borracha e Plástico</i>	-	-	-15,1	-		
CAGED - Ind. Transformação (MTE)	Abr/Mar	Abr/Abr	Até Abr	U12M		
<i>Saldo (qtde)</i>	-83	-	8.916	-42.488		
<i>(%)</i>	0,0	-	1,4	-6,1		
Utilização da Capacidade Instalada (Fiesc)	Fev. 2015		Fev. 2016			
<i>(% média)</i>	82,7		81,5			
ICEI - Índice de Confiança do Empresário Industrial (Fiesc)	Abr. 2015	Mar.	Abr. 2016			
	39,6	37,6	37,5			
<i>Condições atuais</i>	32,1	31,2	30,2			
<i>Expectativas</i>	43,4	40,8	41,2			
COMÉRCIO EXTERIOR - BRASIL (Funcex)	Mar/Mar		Até Mar		U12M	
	US\$(%)	Qtde(%)	US\$(%)	Qtde(%)	US\$(%)	Qtde(%)
Exportações						
<i>Têxtil</i>	12,9%	26,5%	28,4%	41,9%	-4,2%	8,7%
<i>Vestuário e acessórios</i>	-5,8%	22,3%	-8,0%	14,9%	-12,8%	8,5%
<i>Couro e calçados</i>	-21,4%	0,2%	-11,8%	14,9%	-19,4%	1,5%
<i>Papel e celulose</i>	-8,8%	-1,2%	9,2%	12,3%	7,6%	9,6%
<i>Produtos químicos</i>	-0,4%	16,1%	-2,6%	14,6%	-12,5%	6,1%
<i>Produtos de material plástico</i>	-6,6%	9,2%	-0,4%	16,6%	-7,8%	6,1%
Importações						
<i>Têxtil</i>	-39,9%	-36,2%	-44,1%	-41,1%	-35,0%	-31,9%
<i>Vestuário e acessórios</i>	-61,2%	-64,7%	-48,1%	-51,4%	-24,1%	-24,3%
<i>Couro e calçados</i>	-44,9%	-49,0%	-38,6%	-41,6%	-26,2%	-25,7%
<i>Papel e celulose</i>	-29,0%	-25,5%	-31,8%	-27,8%	-32,6%	-29,2%
<i>Produtos químicos</i>	-18,6%	-5,5%	-21,7%	-10,2%	-21,0%	-13,4%
<i>Produtos de material plástico</i>	-30,1%	-28,9%	-33,8%	-31,4%	-26,4%	-23,4%
Índice de Rentabilidade das exportações (Var.%)	Mar/Mar		Até Mar		U12M	
<i>Têxtil</i>	-6,2%		8,4%		13,5%	
<i>Vestuário e acessórios</i>	-17,0%		0,4%		5,9%	
<i>Couro e calçados</i>	-16,2%		-6,3%		3,6%	
<i>Papel e celulose</i>	-4,2%		15,2%		24,4%	
<i>Produtos químicos</i>	-8,0%		3,1%		6,8%	
<i>Produtos de material plástico</i>	-8,3%		3,9%		12,0%	

INDICADORES DO MERCADO DE TRABALHO

Custo de Vida				
Inflação			Abr (%)	Var. 12 meses (%)
ICV/DIEESE			0,57	9,34
INPC/IBGE			0,64	9,83
IPCA/IBGE			0,61	9,28
IGP-DI/FGV			0,36	10,46
IGP-M/FGV			0,33	10,63
IPC/FIPE			0,46	10,03
Cesta Básica	Florianópolis	Abril	Variação acum. no ano (em %)	3,42
			Valor mensal (em R\$)	438,56
Salário Mínimo Necessário e Piso Regional Catarinense				
Salário Mínimo Nacional		Abril	Valor nominal (em R\$)	880,00
Salário Mínimo Necessário		Abril	Valor nominal (em R\$)	3.716,77
Piso Regional SC		Faixa I	Valor nominal (em R\$)	1.009,00
		Faixa II	Valor nominal (em R\$)	1.048,00
		Faixa III	Valor nominal (em R\$)	1.104,00
		Faixa IV	Valor nominal (em R\$)	1.158,00
Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação no Brasil				
		Total Admissões	Total Desligamentos	Saldo
		(Qtde)	(Qtde)	(Qtde)
Em abril¹		213.856	229.838	-15.982
No ano²		875.737	961.623	-85.886
Nos últimos 12 meses³		2.488.952	3.152.215	-663.263
				Var. Emprego (%)
				-0,2
				-1,1
				-8,1
<small>(¹) Variação considera o estoque do mês anterior; (²) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (³) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.</small>				
Movimentação do Emprego - Indústria de Transformação em Santa Catarina				
		Total Admissões	Total Desligamentos	Saldo
		(Qtde)	(Qtde)	(Qtde)
Em abril¹		22.378	22.461	-83
No ano²		100.236	91.320	8.916
Nos últimos 12 meses³		256.118	298.566	-42.448
				Var. Emprego (%)
				0,0
				1,4
				-6,1
<small>(¹) Variação considera o estoque do mês anterior; (²) Variação considera o estoque do mês atual e do mês de dezembro do ano anterior, com ajustes; (³) Variação considera o estoque no mês atual com o estoque do mesmo mês do ano anterior, com ajustes.</small>				
Rendimento Médio Real Habitualmente Recebido pelos Ocupados (todos os trabalhos)				
Brasil		Valor (em R\$)		1.966,00
		1º trimestre 2016/idem ano anterior (em %)		-3,2
Santa Catarina		Valor (em R\$)		2.045,00
		1º trimestre 2016/idem ano anterior (em %)		-9,0
Massa Real de Rendimentos Habitualmente Recebidos pelos Ocupados (todos os trabalhos)				
Brasil		Valor (em R\$)		173.450,00
		1º trimestre 2016/idem ano anterior (em %)		-4,1
Santa Catarina		Valor (R\$ em milhões)		6.857,00
		1º trimestre 2016/idem ano anterior (em %)		-8,8
Taxa de Desocupação				
Brasil		1º trimestre 2016 (em %)		10,9
		1º trimestre 2016/idem ano anterior (em p.p.)		3,0
Santa Catarina		1º trimestre 2016 (em %)		6,0
		1º trimestre 2016/idem ano anterior (em p.p.)		2,1

Economia para Trabalhadores - Ano IV, edição XXXVI, maio de 2016. Periodicidade mensal. Subseção do Dieese na Fetiesc.

EXPEDIENTE DA FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS DE SANTA CATARINA - Presidente: Idemar Antonio Martini; **Vice-Presidente:** Rosane Sasse; **Secretário Geral:** Landivo Fischer.

EXPEDIENTE DO DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS - DIEESE - Direção Técnico: Clemente Ganz Lúcio; **Coordenação Executiva:** Patrícia Pelattieri; **Coordenação Administrativa e Financeira:** Rosana de Freitas; **Coordenação de Educação:** Nelson de Chueri Karan; **Coordenação de Relações Sindicais:** José Silvestre Prado de Oliveira; **Coordenação de Atendimento Técnico Sindical:** Airton Santos; **Coordenação de Estudos e Desenvolvimento:** Angela Schwengber; **Supervisor Regional do Dieese/SC:** José Álvaro Cardoso; **Técnico Responsável pelo Boletim:** Mairon Edegar Brandes.